

O trajeto entediante da “bela alma”

The boring path of the “beautiful soul”

por Juan Manuel Terenzi

RESUMO

O presente trabalho busca confluir algumas ideias apresentadas por Hegel na sua *Estética*, principalmente o que ele denominara como a “bela alma”, com outros pensadores que se debruçaram sobre esta questão, como, por exemplo, Schiller e Heidegger. Além disso, apresentaremos brevemente alguns exemplos literários que vem ao encontro do que se discute aqui, de forma a ilustrar aquilo que Hegel já antecipara no início do século XIX. Para melhor efetuar esta abordagem, recorre-se, inicialmente, a análise de alguns parágrafos da *Fenomenologia do Espírito*, a fim de compreender o funcionamento do pensamento filosófico de Hegel, e, posteriormente, adentrar no trajeto entediante da “bela alma”.

Palavras-chaves: Hegel, estética, “bela alma”.

ABSTRACT

This article intends to connect some notions discussed at Hegel’s *Aesthetics*, mainly what he denoted as being the “beautiful soul”, with others authors who also paid attention to this question, e.g. Schiller and Heidegger. There will also be presented, although briefly, some writers, whose literary work are very close to the notion of the “beautiful soul” discussed by Hegel. To reach a better comprehension to this discussion and establish a thorough analysis, some specific paragraphs of the Introduction of *The phenomenology of Spirit* were selected. This allowed us to have access to the boring path of the “beautiful soul”.

Keywords: Hegel, aesthetics, “beautiful soul”.

O trajeto entediante da “bela alma”

*Only through beauty's morning gate
Didst thou the land of knowledge find*

Schiller

Na *Fenomenologia* do Espírito (1807), livro escrito sob os alaridos da Revolução Francesa e tendo Napoleão (“a alma do mundo montada à cavalo”) como condutor absoluto de suas tropas, Hegel propõe um percurso sistematizado do que ele denominou Espírito (*Geist*) Absoluto. Amparando-se na História, Hegel identifica em Tales a primeira tentativa de compreender o absoluto, quando este afirmara tudo provir da água. Os demais pensadores que o seguiram, como, por exemplo, Anaxágoras, Anaximandro, Sócrates, Platão, Aristóteles, entre outros, também procuraram abordar o absoluto, inclusive eles foram importantes para que o absoluto tivesse diferentes experiências, embora Hegel demonstre que estes pensadores não obtiveram total êxito neste empreendimento árduo. Ou seja, o absoluto é conceitualizado plenamente através da dialética hegeliana, em que tese (em-si) e antítese (para-si) unem-se para fornecer a síntese (em-si e para-si), e assim sucessivamente até repousar no saber absoluto. Sujeito e predicado intercambiam suas posições, inverdades são acondicionadas dentro do próprio corpo conceitual hegeliano. A hierarquia proposta por Hegel, e a qual devemos estar atentos, é a que segue: 1. Consciência, 2. Consciência de si, 3. Razão 4. Espírito (religião natural, religião da arte, religião revelada), 5. Saber Absoluto.

Hegel é considerado como o último filósofo que direcionou seu olhar panorâmico sobre a História e que extraiu de suas reflexões um sistema altamente complexo e auto-referencial. Ler Hegel é caminhar em um labirinto filosófico repleto de reentrâncias tênues e passear por um universo que parte da Grécia e detém seu olhar na contemplação do absoluto.

Entretanto, nosso objetivo, neste trabalho, é analisar alguns conceitos tratados por Hegel na *Introdução* de sua *Estética*, sempre conscientes de que se trata de uma questão imersa no absoluto, na filosofia, visto que “filosofar é pensar o Absoluto”, ele quer mostrar-se como ab-soluto, contemplando de cima para baixo, e seguindo o dito por Hegel, “É preciso conceber a filosofia como um círculo regressando a si mesmo” (HEGEL, 2009, p.10). Seja qual for o ramo inerente ao escopo filosófico, trata-se sempre da filosofia.

Para dar início ao nosso exame, iremos expor algumas ideias contidas nas primeiras páginas da *Fenomenologia* a fim de compreender como funciona o pensamento de Hegel e de que modo ele opera os seus conceitos, para deles extrair sínteses que se aproximam cada vez mais do absoluto, sua meta por excelência:

But the *goal* is as necessarily fixed for knowledge as the serial progression; it is the point where knowledge no longer needs to go beyond itself, where knowledge finds itself, where Notion corresponds to object and object to Notion. Hence the progress towards this goal is also unhalting, and sort of it no satisfaction is to be found at any of the stations on the way. (HEGEL, 1977, p.51, §80)

Ao longo da *Fenomenologia* verificamos que a ideia do *belo* manifesta-se dentro da

O trajeto entediante da “bela alma”

hierarquia proposta por Hegel e é uma das formas do absoluto mostrar-se. Atentemos primeiro para algumas reflexões acerca da filosofia e do papel desempenhado por ela. No parágrafo 60 do *Prefácio* (escrito após a redação da *Fenomenologia*) e que serve de base para todo o pensamento hegeliano, lemos o seguinte:

[...] it is especially necessary that philosophizing should again be made a serious business. In the case of all other sciences, arts, skills, and crafts, everyone is convinced that a complex and laborious programme of learning and practice is necessary for competence. Let the other sciences try to argue as much as they like without philosophy – without it they can have in them neither life, Spirit, nor truth. (HEGEL, 1977, p.41, §60)

Destacamos do trecho citado a importância concebida à filosofia, e como Hegel mostra que, no início do século XIX, com o interesse despertado pelas ciências exatas após a revolução industrial, e o (in)consequente desprezo pela filosofia, ela vem ocupando um lugar periférico. Mas sua postura é categórica, sabe que aqueles que abandonam a filosofia habitam os confins da sabedoria e jamais aproximar-se-ão do significado da *vida*, do *Espírito*, da *verdade*. Advertência similar encontra-se no parágrafo 73 da *Introdução*: “we might grasp clouds of error instead of the heaven of truth” (HEGEL, 1997, p.46, §73).

Também lemos, na *Introdução*, que o percurso dialético não é algo simples e de fácil alcance, pois “its fear of the truth may lead consciousness to hide, from itself and others, behind the pretension that its burning zeal for truth makes it difficult or even impossible to find any other truth” (HEGEL, 1977, p.52, §80). O sistema de Hegel deve ser lido com cautela, mesmo sabendo que “the Absolute alone is true, or the truth alone is Absolute” (HEGEL, 1977, p.47, §75), e, justamente, por esta afirmação apresenta-se a dificuldade em acompanhar a dialética repleta de aporias. Como dito acima, no cerne de sua dialética não encontramos superações de falsidades, senão uma absorção das *inverdades* rumo ao absoluto. Cada etapa é necessária, cada figura traz consigo um abismo, o qual deve ser superado para sofrer as devidas transformações. Tal é a tônica do pensamento de Hegel. Na *Introdução*, o filósofo detém-se na consciência e mostra o funcionamento do processo dialético, em que “since what first appeared as the object sinks for consciousness to the level of its way of knowing it, and since the in-itself becomes a *being-for-consciousness* of the in-itself, the latter is now the new object” (HEGEL, 1977, p.56, §87)

Tendo em vista esta breve exposição do pensamento hegeliano, vamos agora efetuar a leitura da *Estética* e explorar alguns pontos ali levantados no que diz respeito à arte, sabendo que esta revela o absoluto dentro do âmbito da religião; a arte como manifestação da nostalgia pelo *deus morto*, pelo *crucificado*, pois a sua essência é a morte de Jesus. Interessa-nos investigar como “a bela alma a morrer de tédio”, que Hegel já renunciara, instala-se definitivamente no âmago dos artistas não apenas do século XIX (por exemplo, os poetas decadentistas franceses e os românticos), mas também se multiplica e invade até mesmo o cenário atual do pensamento filosófico e artístico. O tédio (*die Langeweile*), cuja tradução literal designaria tempo longo, caracteriza-se por ser uma tonalidade afetiva (*Stimmung*) analisada por Heidegger em *Conceitos fundamentais da Metafísica: mundo, finitude, solidão*, que ataca de forma avassaladora e

O trajeto entediante da “bela alma”

esvazia o ser humano, tornando-o vítima de seu desencanto, de seu olhar ativo para os demais mortais, de sua nulidade perante o infinito que o circunda. Se em *Ser e Tempo* (1927) e dois anos mais tarde no artigo *O que é Metafísica?* (1929) Heidegger abordara a angústia (*Angst*) como tonalidade afetiva fundamental, e nesta abordagem podemos contemplar alguma influência de Kierkegaard (*Conceito de angústia* (1844), livro elogiado pelo próprio Heidegger), agora é o tédio, e não qualquer tédio, mas o tédio profundo que avassala o homem, caracterizado por Heidegger como um *ser-para-a-morte*. Mas antes de aprofundarmos sobre este conceito, veremos como um contemporâneo de Hegel ergue a arte a tal ponto que reclama ao Estado alemão a sua incorporação no sistema educacional para recuperar a sensibilidade estética dos homens.

No capítulo III da *Estética*, dedicado ao ponto de vista filosófico da arte, acompanhamos alguns elogios a Friedrich Schiller, que não casualmente fora devidamente homenageado na *Fenomenologia*¹, ao ter dois versos adaptados e inseridos a modo de conclusão: “from the chalice of this realm of spirits/ foams forth for Him his own infinitude”. Contudo, não iremos nos deter na poesia de Schiller, mas leremos algumas de suas *Cartas sobre a educação estética*, e destacaremos alguns pontos em comum com o sistema hegeliano. É o próprio Hegel que afirma o seguinte:

O grande mérito de Schiller está em ter ultrapassado a subjetividade e a abstração do pensamento kantiano e tentado conceber pelo pensamento e realizar na arte a unidade e a conciliação como única expressão da verdade. (HEGEL, 2009, p.80)

Mais adiante, prossegue:

Uma série inteira de obras de Schiller se inspira nesta concepção da natureza da arte, e no primeiro plano dessas obras figuram as *Cartas sobre a educação estética*. Nelas, parte Schiller do ponto de vista de que todo homem contém o germe do homem ideal. A representação deste homem verdadeiro reside no Estado [...] (HEGEL, 2009, p.81)

De fato, Schiller busca nas suas cartas uma reestruturação do Estado, levando em consideração que “the most perfect of all works of art – the establishment and structure of a true political freedom” (SCHILLER, 2002, p.3, carta 2) revela um forte ideal platônico. E isto se deve ao descontentamento gerado pela negligência do papel educador da arte, acarretando em um embotamento dos sentidos. Em 1794, Schiller, da mesma forma que Hegel anos mais tarde na *Estética*, anuncia que seu tempo não é favorável à arte, afirma que: “[...] the voice of our age seems by no means favorable to art, at all events to that kind of art to which my inquiry is directed” (SCHILLER, 2002, p.3, carta2). Para percebermos a afinidade destes dois pensadores inseridos no contexto do romantismo alemão, citemos uma passagem em que Hegel exterioriza sua nostalgia pelos tempos passados:

Já se foram os bons tempos da arte grega e a idade de ouro da última Idade Média.

¹ Schiller morre em 1805, dois anos antes da publicação da *Fenomenologia*. Hegel, então, lhe faz uma bela homenagem póstuma, reavivando sua memória.

O trajeto entediante da “bela alma”

As condições gerais do tempo presente não são favoráveis à arte. [...] Em todos os aspectos referentes ao seu supremo destino, a arte para nós é coisa do passado. (HEGEL, 2009, p.25)

Muitos criticaram Hegel por haver sentenciado a “morte da arte”; postura radical se a levarmos ao pé da letra. Mas Heidegger, que considera a *Estética* de Hegel “a mais abrangente reflexão sobre a essência da arte” sabe que essa sentença carrega outros enunciados, que ela não implica no total esquecimento da arte:

[...] desde que a *Estética* de Hegel foi exposta pela última vez, no semestre do inverno de 1828/29, na Universidade de Berlim, vimos nascer muitas e novas obras de arte e movimentos artísticos. Hegel nunca quis negar esta possibilidade. Porém, a questão continua: a arte é ainda um modo essencial e necessário, no qual a verdade decisiva acontece para nosso Entre-ser histórico ou a arte não é mais isso? (HEIDEGGER, 2010, p.205, §191)

Heidegger está ciente do movimento disparado pela questão de Hegel, e qualquer manifestação assertiva sobre ela sucumbiria no ocultamento da verdade:

A decisão sobre a sentença de Hegel ainda não foi proferida [...] A decisão sobre a sentença será proferida, caso seja proferida, a partir da verdade do sendo e sobre ela. Até lá permanece válida a sentença. (HEIDEGGER, 2010, p.205. §191)

Heidegger escreve isto em *A origem da Obra de Arte*, em meados do século XX. A sentença de Hegel conserva a sua chama intacta, questionadora e ousada.

Assim como Nietzsche profetizara através da boca de um louco a “morte de Deus” e fora contestado por tamanha afirmação, apesar d’Ele jazer dentro do sistema hegeliano quando a *consciência infeliz* pelas suas perdas constata a morte de Deus: “the loss of substance as well as of the Self, is the grief which expresses itself in the hard saying that ‘God is dead’”. (HEGEL, 1977, p.455, §752).

Retomando Schiller, pois a discussão anterior poderia estender-se demasiado, observamos que ele também possui uma palavra para representar o que acontece com seu tempo. Esta palavra é *letargia*: “[...] what is depicted in the drama of the present time? On the one hand, he is seen running wild, on the other in a state of lethargy” (SCHILLER, 2002, p.6, carta5). Logo, estamos em condições de criar uma relação entre o que Schiller entende por *languidez*, o *tédio* mortal da bela alma descrito por Hegel e o *tédio* como *tonalidade afetiva* conceitualizado por Heidegger no livro já citado.

Hegel dizia que o *tédio* provinha do sentimento de vazio instalado no sujeito, nessa vacuidade que o consome de modo a torná-lo lânguido e sem forças. Este sujeito nada faz, não participa da vida política, da religião. Em resumo, um moribundo esgotado pela sua própria postura diante do mundo ao maximizar o seu *eu* em detrimento do *eu/eles* dos demais. Isto fora vaticinado por Hegel, apesar de encontrar seu embrião em Schiller. Seriam sintomas da não manifestação do absoluto nas artes?

O trajeto entediante da “bela alma”

O século XIX, como previsto por Hegel, abunda em artistas que destacaram esse estado mórbido. Baudelaire, poeta e crítico de arte, no seu conjunto de poemas *Les fleurs du mal*, relaciona-se com o leitor de um modo peculiar ao considerá-lo tanto um hipócrita quanto um irmão, no sentido de compartilhar um momento miserável. São poemas do despertar da cidade moderna que carrega consigo *l’ennui*, como podemos ler no quarteto que encerra o poema-prefácio *Au lecteur*:

*C’est l’Ennui! – l’oeil charge d’un pleur involontaire,
Il rêve d’échafauds en fumant son houka.
Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat,
– Hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère*
(BAUDELAIRE, 1985, p.8)

Eis a definição poética do tédio por Baudelaire: o olho carregado de um choro involuntário. O tédio, um monstro delicado, destroçaria desta forma o caráter do indivíduo, destituindo-o de um comportamento ético honrável, pois, segundo Hegel, ele não estaria mais dotado de “conteúdo substancial”. Já para Heidegger, o tédio deriva da total absorção da totalidade que nos circunda:

Even when, or rather, precisely when we are not absorbed in things or in our own selves, this “wholeness” comes over us – for example, in real boredom. Real boredom comes when “one is bored”. This profound boredom, drifting hither and thither in the abysses of existence like a mute fog, draws all things, all men and oneself along with them, together in a *queer kind of indifference*. This boredom reveals what-is in totality. (HEIDEGGER, 1975, p.247)

Neste parágrafo do conhecido texto *O que é Metafísica?*, situado no final da primeira parte, quando a questão sobre o Nada está sendo apresentada como uma questão metafísica, Heidegger ecoa o que Hegel dissera na *Estética*: o tédio traz consigo uma “estranha indiferença”. Novamente a “bela alma a morrer de tédio” deve ser trazida à discussão para vislumbrar o olhar atento de Hegel e como ele antecipou uma condição que se instalou como um vírus no século XX, e ainda encontra espaço para espalhar-se ao longo século XXI.

Outro exemplo que poderia ilustrar muito bem essa tonalidade afetiva do tédio encontra-se em Dostoiévski, um dos grandes nomes da literatura russa, e que ao lado de outros escritores como Tolstói, Gorki e Gogol, mostrou uma enorme capacidade literária para discorrer acerca de temas tão caros àqueles encontrados na filosofia de Hegel. O livro em questão é *Memórias do subsolo*, em que o protagonista revela seu cansaço diante do cotidiano, da máquina burocrática. A profundidade desse eu é tamanha que, muitas vezes, o vemos perder-se nesse abismo existencial. Segue um trecho em que se pode testemunhar esta personagem como uma “bela alma” ejetada das páginas da *Estética* de Hegel:

O trajeto entediante da “bela alma”

But do you know, gentlemen, what was the chief point about my spite? [...] I was simply scaring sparrows at random and amusing myself by it. [...] It was not only that I could not become spiteful, I did not know how to become anything. [...] an intelligent man cannot become anything seriously, and it is only the fool who becomes anything. (DOSTOIEVSKY, 1975, p.55)

Nesta passagem, que se encontra no primeiro capítulo do livro, a atitude do protagonista revela semelhanças com o irônico divino descrito por Hegel, pois ele se diverte para satisfazer-se e ao mesmo tempo desconsidera todos os demais, visto que ele se coloca na posição do homem inteligente que não pode tornar-se nada, já que tornar-se algo é característico dos tolos. Assim, o único que o *eu* estima é a sua “própria subjetividade que, isolada, fica também vazia e vã” (HEGEL, 2009, p.86).

Diversos pensadores e escritores após Hegel refletiram sobre esta questão, e os exemplos aqui empregados mostram apenas uma porção ínfima de como o pensamento de Hegel adquiriu dimensões tão grandes que vários pensadores, hoje, remetem-se a ele, seja para criticá-lo ou elencar novas reflexões a partir de seus escritos.

É importante destacar que Hegel apresenta fortes afinidades com o pensamento de Aristóteles; pensemos no primeiro motor imóvel que tudo move e ele mesmo permanece imóvel (*kaí tò próton kinoûn akíneton autó*) e a sua analogia com o absoluto. Em Hegel não há exterioridade, e o absoluto tudo envolve e sempre procura revelar-se a si mesmo. Talvez seja um exagero, mas poderíamos atribuir a última sentença do livro XII da *Metafísica* ao absoluto hegeliano: “No es cosa buena el mando de muchos: uno solo debe ejercer el mando (*ouk agathòn polykoiraníe: eis koíranos ésto*)” (ARISTÓTELES, 1982, p.647, 1076^a 43-44). O mando estaria sempre em poder do absoluto cuja potência, ou melhor, atualização, manifestou-se outrora nas artes. A nostalgia de Hegel pelo mundo helênico e pelo Renascentismo ainda perdura, e se o seu olhar abrangente percorreu desde as pirâmides do Egito que encerram um deus ausente, passando pelas esculturas gregas, arquitetura romana, até alcançar a arte romântica cristã, elevando a Poesia ao posto de “rainha das artes” pelo fato de que:

A poesia é a arte geral, a mais compreensiva, a que consegue elevar-se à mais alta espiritualidade. Na poesia, o espírito é livre em si, está separado dos materiais sensíveis que transformou em sinais destinados para sua expressão. [...] a poesia é comum a todas as formas do belo, porque o seu verdadeiro elemento é a fantasia de que necessita toda criação que, por qualquer forma, vise à beleza. (HEGEL, 2009, pp.113-115)

Justifica-se o seu ardor ainda aceso ao recordar os versos de Schiller na *Fenomenologia*. A arte cumpriu o mandato proveniente do absoluto. Juntamente com a religião, destaca-se por ser uma das grandes manifestações do absoluto. Na hierarquia hegeliana, a religião será a verdade da arte, e então o absoluto superará mais um estágio de seu vóo metafísico.

Temos neste desfecho de um dos mais densos e brilhantes livros de filosofia a união entre filosofia e poesia. Hegel e Schiller. Filosofia e poesia. Heidegger, com toda a sua

O trajeto entediante da “bela alma”

potência poético-filosófica escreve no Posfácio de *O que é Metafísica?*:

The thinker utters Being. The poet names what is holy. We may know something about the relations between philosophy and poetry, but we know nothing of the dialogue between poet and thinker, who “dwell near to one another on mountains farthest apart” (HEIDEGGER, 1975, p.264)

Ser (*Sein*) requer a reflexão do filósofo, enquanto o sagrado manifesta seu vigor na palavra-canto do poeta. Neste trabalho, procurou-se expor um trajeto em que o conceito de “bela alma a morrer de tédio” encontra-se exemplos nas diversas manifestações artísticas posteriores a Hegel. Estaríamos diante de um Hegel visionário, ou a aguda sensibilidade do filósofo advertia seus contemporâneos?

Como Hegel compreenderia os pintores do fim do século XIX e início do século XX? Modigliani, van Gogh, Cézanne, Picasso. E os poetas, a tuberculose, os artistas suicidas? Baudelaire anunciara a perda da aura em um pequeno poema em prosa, “A perda da auréola”. A arte esgotara suas forças, tornando-se incapaz de amparar em seu seio o absoluto?

Certamente não, se nos remetermos ao dito por Heidegger em *A origem da obra de arte* citado acima. Hegel propôs um caminho, debruçou-se sobre o pensar puro pertencente à filosofia, e aqueles que criticam seu sistema filosófico sem propor *absolutamente nada*, estariam, de acordo com Aristóteles: “falando pela graça do falar (*logoû chárin légousin*)” (ARISTÓTELES, 1982, p.204, 1011b 2-3). Se no século V a.C. os Sofistas eram recriminados por esta advertência aristotélica, o século XXI não caminha longe, pois os que simplesmente manipulam a linguagem de modo a ocultar o pensamento jamais vislumbrarão a “aurora do espírito absoluto”.

O caminho aberto pela *Estética* de Hegel foi e é fundamental para toda a crítica de arte, e a monumental importância que ela possui, devido ao olhar panorâmico lançado ao longo dos séculos, revela a grandeza de um pensador que elevou a ideia do *belo* a um pedestal honroso.

O trajeto entediante da “bela alma”

Referências Bibliográficas

- > ARISTÓTELES. Metafísica [edición trilingüe, traducción Valentín García Yebra]. Madrid: Gredos, 1982.
- > BAUDELAIRE, C. As Flores do Mal [Trad., introd. e notas de Ivan Junqueira]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- > HEGEL, F. Phenomenology of Spirit [translated by A. V. Miller]. New York: Oxford University Press, 1977.
- > _____. Curso de Estética [tradução de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino]. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- > HEIDEGGER, M. “What is Metaphysics?” In: Existentialism. From Dostoevsky to Sartre [edited by Walter Kaufmann]. New York: New American Library, 1975.
- > _____. A origem da obra de arte. São Paulo: Edições 70, 2010.
- > SCHILLER, F. Letters upon the Aesthetic Education of Man [translated by David Widger]. London: Blackmask online, 2002.

Disponível online: <http://www.searchengine.org.uk/ebooks/55/76.pdf>

Juan Manuel Terenzi, Departamento de Literatura e Letras Estrangeiras; Área: Letras. Bolsista CNPq de Mestrado - Literatura - UFSC, Graduado em Engenharia Química - UFSC, Graduado em Letras - espanhol - UFSC, Graduando em Filosofia - UFSC, Membro do Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-americanos.
jmterenzi@hotmail.com